

O PROJETO FINAL DE DEUS:
REUNINDO, FORMANDO E MOLDANDO UM POVO SANTO PARA O PRAZER DE
DEUS

Stanley Makhosi Bhebhe, Ph.D., Africa Nazarene University

Um mundo diferente

Quando comecei a pensar sobre este artigo, o mundo era muito diferente do que é agora. De muitas formas silenciosas, mas profundas, vários desses eventos dramáticos influenciaram a evolução deste artigo, pois utilizei e refleti sobre questões de liderança, fé pessoal, cidadania global, identidade e integração. A “estrutura de plausibilidade” que durante a maior parte da minha vida serviu de alicerce para o meu senso de missão e propósito foi completamente desorganizada nos últimos dezoito meses, aproximadamente.

Eu gostaria de apresentar quatro afirmações axiomáticas plausíveis que buscam consertar e redefinir uma nova “estrutura de plausibilidade” que ajude a dar significado e manter o foco no propósito e na missão. Creio que essas afirmações axiomáticas enunciam uma narrativa coerente e convincente do foco singular de Deus: a reunião, aculturação e desenvolvimento de um povo santo para o prazer de Deus. A necessidade de manter nosso foco na missão e no propósito nunca foi tão grande como agora.

Em primeiro lugar, a história bíblica é fundamentalmente uma narrativa do projeto eterno de Deus de criar uma comunidade para o Seu prazer. Creio que isso é coerente com a narrativa da criação que retrata a introdução do ser humano na ordem da criação. Notamos que o ser humano está sendo introduzido na ordem da criação de uma maneira diferente do resto da criação. E também notamos que o ser humano é único em caráter e propósito. Deus não deixa dúvidas do porquê de estar criando o ser humano. Embora, para Ele, toda a criação seja esteticamente prazerosa, apenas os seres humanos são relacionalmente prazerosos. Os humanos

são criados com o propósito expresso do prazer de Deus. Essa intenção criativa manifesta no momento da criação ecoa em: Isaiás 43:7, Efésios 2:1-11; Apocalipse 4:11; 1Pedro 2:9-10).

Em segundo lugar, o projeto eterno de Deus — reunir um povo santo para o Seu prazer — tem origem na Comunidade da Divindade, ou dela emana, e termina na grande assembleia da comunidade santa dos remidos, na grande reunião que inaugurará uma nova era de comunhão eterna com Deus. É isso que define a comunidade da igreja como povo peregrino, não só em termos de estar em uma jornada, mas também de sua transformação como comunidade. “Deus não está apenas salvando indivíduos e preparando-os para o céu; ele está criando um povo entre o qual poderá viver e cuja vida em conjunto reproduzirá a vida e o caráter de Deus”.¹

Em terceiro lugar, o período liminar, ou seja, o período de tempo que separa o pensamento e processo criativo do Deus trino e a reunião eterna dos remidos ao redor do trono, no fim dos tempos, é essencialmente um tempo para a reunião, formação e aculturação das pessoas redimidas por Deus, de modo a constituir a comunidade de um povo santo. Essa é a essência do que eu chamo de projeto eterno de Deus: criar uma comunidade santa para o maior e mais pessoal prazer de Deus.

Embora o trabalho de reunir, reformular e moldar os remidos para a reunião eterna pertença primordialmente ao próprio Deus, e Ele se dedique totalmente a isso, Deus, por Sua graça, cooptou seus remidos para a execução dessa tarefa. Uma ordem que Deus transmite de maneira muito clara à comunidade dos remidos é a responsabilidade de tomar parte no ministério da reconciliação (2Co 5:17-19). Gerald Bray segue o raciocínio de que, “para a igreja cristã primitiva, a obra mais evidente do Espírito Santo na construção da comunidade cristã foi, sem

¹ Fee, Gordon D. *Paul, the Spirit, and the People of God* (Peabody: Hendrickson, 1996). [Edição em português: *Paulo, o Espírito e o povo de Deus* (São Paulo: Vida Nova, 2020).]

dúvida, a maneira como o vimos quebrar as barreiras entre judeus e gentios, unindo-os no corpo de Cristo. Desde o início, os cristãos estavam cientes de que constituíam uma nova sociedade, uma comunidade que estava no mundo, mas não pertencia a ele. Eles acreditavam que eram uma nação santa, um povo especial — os escolhidos de Deus. A responsabilidade do indivíduo era conformar-se a esse padrão, de modo a ser considerado um digno representante desse grupo. A santidade não era apenas um sinal de separação do mundo; era também a marca de que aquela pessoa pertencia à nova comunidade que estava sendo forjada pelo Espírito Santo”.²

Nas palavras de Graham Heslop:

“A vida cristã não só é incompleta sem a comunidade de uma igreja local, como também carece perigosamente de responsabilização e correção amorosa. Além disso, é bom que estejamos juntos de pessoas diferentes de nós para que possamos questionar nossos preconceitos e preferências pessoais” (Ef 2:19-21).³

Mas Deus não nos chama apenas para sermos agentes ativos em Sua missão, designando-nos como Seus embaixadores; Ele também nos concedeu dons espirituais que são essenciais e urgentemente necessários para a edificação da comunidade dos remidos, de forma que ela possa ser fortalecida e equipada para trabalhar com eficácia e ser digna do seu chamado. “As Escrituras também são bem claras em apontar que, desde o Pentecostes, o ministério principal e fundamental do Espírito Santo é mediar a presença de Jesus nos crentes” (Jo 14:18-21; 15:26; 16:14-15; Gl 5:25).⁴

² Bray, Gerald. “The Spirit and Community: A Historical Perspective”, Bible.org (Dec., 2005). Disponível on-line em <https://bible.org/seriespage/3-spirit-and-community-historical-perspective> (acessado em 14/09/2021).

³ Heslop, Graham. “Must Christians Go To Church?” In: The Gospel Coalition, Africa Edition (July 16, 2019). Disponível on-line em: <https://africa.thegospelcoalition.org/article/can-christian-not-churchgoer/> (acessado em 14/09/2021).

⁴ Packer, J. I. *Keep in Step with the Spirit: Finding Fullness in Our Walk with God* (Grand Rapids: Revell, 1984, 2005).

Em quarto lugar, o chamado e ordem solene para participar da *Koinonia* da *Ecclesia* emana do coração de Deus, que está em comunhão consigo mesmo e tem grande prazer na comunhão com aqueles que redimiu e que fazem parte da comunidade. Esse chamado para participar dessa comunidade de “um povo santo” é, em primeiro lugar, um convite à comunhão com Deus e com Seu povo. No Antigo Testamento, esse relacionamento radical entre Deus e Seu povo santo baseava-se na aliança entre Yahweh e Israel, e era regulamentado por meio de um sistema ritualístico centrado no Templo, por meio do qual a comunidade era constantemente reconstituída e confirmada. Mahohoma observou que:

O fato mais vinculante entre os judeus era a aliança com Yahweh. [...] Em outras palavras, a aliança com Yahweh era a base da comunhão no Antigo Testamento. Ela unia o povo em um só movimento, tanto em relação a Deus quanto mutuamente entre eles. [...] Deus fez uma aliança com um povo, e não com um indivíduo apenas. Portanto, os indivíduos estavam sob a aliança porque pertenciam a uma comunidade que fez a aliança. Yahweh não fez alianças particulares com certos indivíduos para fins pessoais. [...] Resumidamente, no Antigo Testamento, comunidade é uma unidade baseada na aliança de todo o povo com Yahweh.⁵

No contexto do Novo Testamento, o Espírito Santo é, sem sombra de dúvidas, crucial para que se possa entender o caráter e a natureza da Igreja como um povo santo.

Com a vinda da nova Era do Espírito, Deus quer criar um novo povo de sua propriedade exclusiva. Esse novo povo seria uma comunidade do Espírito. Embora sejamos salvos individualmente, somos salvos em um corpo de crentes, cuja unidade é baseada na fé em Cristo e na experiência comum de ser “selado” ou “batizado” pelo Espírito.⁶

De maneira semelhante, Fee explica que “Deus não está apenas salvando indivíduos e preparando-os para o céu; ele está criando um povo entre o qual possa viver e no qual cada um

⁵ Mahohoma, Takesure. “African Religious Spirituality and Inculturation”. In: *Scriptura*, vol. 117, no. 1 (2018), pp. 1-15. Disponível on-line em: <http://www.scielo.org.za/pdf/scriptur/v117/15.pdf> (acessado em 14/09/2021).

⁶ Packer, 1984.

de seus membros viverá em coletividade de um modo que reproduza a vida e o caráter de Deus”.⁷

O imperativo da comunidade cristã

É possível, portanto, postular que a característica quintessencial eterna da Igreja é que ela é, por projeto, intenção e identidade, uma comunidade. Kilama escreve:

Ao longo da Bíblia, de Gênesis a Apocalipse, vemos que Deus criou os seres humanos para que fossem relacionais e vivessem em comunidade. Em Gênesis 1—2, Deus, como uma comunidade da Trindade, cria os seres humanos para viverem em comunhão com Ele e entre si. Na Queda, esses relacionamentos são rompidos (Gn 3). Contudo, não precisamos esperar muito pela resposta graciosa de Deus. Em Gênesis 12, por meio de Abraão, um relacionamento é iniciado, e uma nova comunidade é prometida. [...] Cristo redime a humanidade para levá-la à comunidade. Nos Evangelhos, Cristo vem para redimir a humanidade e levá-la à comunidade. Ele restaura nossa relação com Deus e, ao fazer isso, restaura também nossa relação uns com os outros (Ef 2:11-22). Cristo se identifica com seus discípulos ao viver com eles em comunidade.⁸

Para entender a centralidade da natureza comunitária da igreja cristã, é importante que analisemos nossa compreensão da visão bíblica do pecado. Muitas vezes, no intuito de reduzir a mensagem do Evangelho ao que é essencial, desenvolveu-se uma tradição que sugere que o pecado é tudo, menos um problema da alma individual. A partir dessa perspectiva, a conversão ou mudança espiritual é retratada como uma transação espiritual que ocorre no coração, resgatando a alma das garras do pecado e da condenação eterna. A conversão, nesse sentido, cria um novo indivíduo. No contexto africano, isso muitas vezes significava a criação de algo que não era africano. O missionário David Bosch diz:

Nesse período, a missão era vista especificamente como a proclamação de uma conversão individual. A selvageria que devia ser domada não estava mais localizada no mundo físico e social; essa selvageria estava no coração do homem. [...] A experiência pessoal da

⁷ Fee, 1996.

⁸ Kilama, Dennis. “Christians in Community: Redeeming the Concept of Ubuntu”. In: The Gospel Coalition, Africa Edition (September, 2019). Disponível on-line em: <https://africa.thegospelcoalition.org/article/redeeming-ubuntu/#:~:text=Ubuntu%20affirms%20that%20being%20with,be%20conformed%20to%20biblical%20truth> (acessado em 14/09/2021).

verdade ensinada pelas Escrituras ganhou importância. Vale a pena destacar que o movimento evangélico que se desenvolveu após o Grande Despertamento e se estendeu para Inglaterra, Escócia e País de Gales, sob a influência de João Wesley e seus associados, deu pouca atenção a questões políticas.⁹

É possível concluir que essa domesticação do pecado na alma foi fundamental para moldar uma espiritualidade cristã individualista. Isso, por sua vez, roubou dos crentes, principalmente no contexto africano, um ingrediente essencial do dinamismo espiritual, a saber, a comunidade. De fato, conforme opinaram Durkheim e, numa linha semelhante, Troeltsch e Bastide, é na comunidade que a criatividade espiritual ou religiosa ocorre. É na comunidade que os cristãos podem criar e, por meio da confissão mútua, recriar uma espiritualidade cristã dinâmica compatível com o projeto eterno de Deus de reformular a ordem atual. A exigência de um comprometimento pessoal para participar dessa comunhão com Deus e sua comunidade santa de crentes não é um apelo ao individualismo, mas um chamado à confissão e à submissão para os que desejam ser membros da comunidade santa.

Em um contexto bíblico, embora o pecado seja tanto a propensão de rebelar-se contra Deus quanto a desobediência voluntária a Deus, ele diz respeito, fundamentalmente, a relacionamentos alterados e alienação. A única coisa que Deus afirma não ser boa em sua criação é a solidão de Adão (Gn 2:18). Quando o pecado surge, em Gênesis 3, o que Deus considerara ordenado, harmônico e belo se torna completamente desordenado. O relacionamento entre Deus e o primeiro casal que ele havia colocado no jardim é interrompido, o relacionamento do casal é alterado e o que antes era “osso dos meus ossos e carne da minha carne” torna-se “a mulher que me deste por esposa”. A extensão de alienação e relacionamentos rompidos vai além do

⁹ Bosch, David. *Witness to the World* (London: Marshall Morgan and Scott, 1980).

relacionamento de Deus com a humanidade e dos seres humanos entre si: toda a criação entrou em crise por causa do pecado (Gn 3; Rm 8:19-25). “A nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes” (Ef 6:12).

É com essa compreensão contextual do pecado como corrupção perversa da perfeita e bela ordem da criação e dos relacionamentos determinados por Deus que precisamos compreender quão fundamental é a comunidade para que um povo santo seja, de fato, testemunha para o mundo. No caminho até a “Cidade Celestial”, os cristãos precisarão da companhia da comunidade de fé para sua identidade, afirmação e senso de inclusão. Há um ditado africano que diz que a jornada se torna mais fácil na companhia de outros.

Também podemos concluir que a comunidade deve estar no cerne da vida, da identidade e do testemunho de “um povo santo”, porque o desenvolvimento e o crescimento espirituais do crente são feitos para serem alcançados no contexto de uma comunidade. É no contexto da comunidade que sabemos o que é amar o próximo, cuidar das viúvas e dar o fruto do espírito. Mais do que qualquer coisa, viver em comunidade é um ato de confissão (At 2:42; 1João 1). O poder testemunhal de viver em comunidade de maneira confessional tem sido destacado como um dos principais elementos por trás de um dos mais duradouros movimentos de avivamento cristão: o Avivamento da África Oriental. Daewon Moon, baseando-se nos relatos contidos na obra *O crescimento da igreja em Buganda*, de John V. Taylor, e em outros textos, nos conta que:

A primeira manifestação de um avivamento de larga escala ocorreu em Gahini, em dezembro de 1933, por meio da confissão pública de pecados ocultos entre funcionários de um hospital (30). Enquanto o avivamento adquiria força, a confissão pública de pecados ocultos continuou a marcar os primeiros movimentos de avivamento (31). Isso promoveu um padrão mais alto de vida em santidade entre os seguidores do avivamento, e as vidas transformadas pela comunhão do avivamento se tornaram o apelo mais óbvio para que outros homens e mulheres dos vilarejos aderissem. Depois de se arrependem e

confessarem seus pecados, as pessoas eram instruídas a viverem uma nova vida para agradar a Cristo. Por exemplo: um ensinamento comum era o de que as pessoas que se arrependessem deveriam compensar o que haviam feito para roubar ou enganar outras pessoas (32).”¹⁰

Seria razoável dizer que viver uma vida de confissão em relacionamentos redentores é muito mais do que a confissão de pecados ocultos entre seus membros. Trata-se, fundamentalmente, da humildade que nos deixa livres para ouvir Deus e vê-lo por meio dos outros, envolvendo-nos em conversas transparentes e honestas, que revelam Deus a nós e nos revelam aos outros de maneiras incomuns e inesperadas. E quando permitimos que o Espírito Santo tome seu lugar nessas conversas, refletimos com ainda mais clareza a comunhão de um povo santo que está sendo moldado por Deus moldando. “Oh! Como é bom e agradável viverem unidos os irmãos!” (Sl 133:1).

Nos tempos atuais, em que vivemos no vale da sombra da morte, qual é o nosso plano para desenvolver e expandir o círculo dessa comunidade de povo santo, chamada Nazarenos? O que podemos afirmar acerca do “retrato” cristão de Atos 2 é que a comunidade de um povo santo só pode ser produto do Espírito Santo, e não produto de um acordo com as forças desta era. Deus

¹⁰ Moon, Daewon, s.v. “John Edward Church (1899-1989), importante líder do Avivamento da África Oriental”, BU School of Theology History of Missiology, *Digital Biographies*. Disponível on-line em: [https://www.bu.edu/missiology/missionary-biography/c-d/church-john-edward-1899-1989/#:~:text=John%20Edward%20Church%20\(widely%20known,CMS\)%20in%20Rwanda%20in%201933](https://www.bu.edu/missiology/missionary-biography/c-d/church-john-edward-1899-1989/#:~:text=John%20Edward%20Church%20(widely%20known,CMS)%20in%20Rwanda%20in%201933) (acessado em 14/09/2021). Observação: As citações internas da passagem incluem as seguintes: (30) John V. Taylor, *The Growth of the Church in Buganda: An Attempt at Understanding* (London: SCM Press, 1958), pp. 98-9; (31) Alguns acadêmicos ressaltam que a prática da confissão pública de pecados em reuniões informais foi altamente influenciada pelo movimento do Grupo de Oxford, de Frank Buchman. Hastings, *The Church in Africa*, p. 596; *The East African Revival*, Ward and Wild-Wood (orgs.), p. 14; (32) A igreja relatou diversos casos de cristãos idosos em Gahini restituindo o que haviam roubado, depois de confessarem seus pecados. Church, “News of Gahini Hospital from Dr. J. E. Church”, Ruanda Notes 47 (January, 1934):17.

convoca um povo santo para ser fermento que transforma o mundo no reino glorioso de Deus porque:

O ateísmo, o consumismo e o materialismo estão destruindo sistematicamente o lugar dos valores cristãos na sociedade. A ganância implacável e a competição feroz estão levando pessoas a utilizar excessivamente os recursos e a pôr em risco o equilíbrio ecológico. A sociedade está ignorando as necessidades dos fracos, dos enfermos e dos pobres. A minoria rica detém todas as riquezas e os recursos do mundo, privando a maioria pobre de suas necessidades básicas. A igreja precisa da coragem do Espírito para dar testemunho dos valores de Cristo na sociedade. Ela precisa trabalhar para levantar os fracos, os pobres e os marginalizados. Ela precisa confrontar todas as estruturas políticas ou sociais que privam uma pessoa de sua dignidade. Ela precisa identificar-se com os mais fracos da sociedade. O Espírito conduz a Igreja a ser cristocêntrica, a nutrir e praticar os valores de Cristo na sociedade. De fato, confrontar o mal que predomina na sociedade é uma tarefa difícil. O mal, em qualquer uma de suas formas, tenta destruir as forças do bem. No entanto, a Igreja não precisa se preocupar, pois tem o Conselheiro (Espírito). O Espírito capacita a Igreja com a força interna necessária para ser a testemunha viva de Cristo na sociedade.¹¹

Em todos os momentos, precisamos ter a certeza de que um povo santo só pode ser uma verdadeira testemunha para o mundo se permanecer na videira e mantiver os ouvidos bem abertos às palavras do Espírito Santo.

Sem Cristo, a santidade tende a ter todo o charme de uma unha encravada. Se a santidade não for, antes de tudo, a busca pelo conhecimento de Cristo, ela se voltará para moralidade e a religiosidade farisaicas. Essa autodependência encurvada é exatamente o oposto do que agrada a Deus, ou seja, o oposto do que é realmente belo. Nada é mais santo do que um prazer sincero em Cristo. Nada é mais poderoso para transformar a vida de alguém.¹²

O que devemos dizer acerca dessas coisas? Não devemos deixar que o ponto principal se perca nas visões e formas pelas quais um princípio Bíblico é expresso em um contexto ou ocasião específicos. A questão que deve ser considerada, no contexto dessa comunidade radical retratada

¹¹ Alva, Reginald, SVD. “The Role of the Spirit in the Mission of the Church in the Light of the Teachings of *Dominum et Vivificantem*”, *Journal of the Nazan Academic Society Humanities and Natural Sciences* (9), pp. 135-147, January, 2015. Disponível on-line em: <https://core.ac.uk/download/pdf/236155412.pdf> (acessado em 14/09/2021).

¹² Burnside, Derek. “Keeping in Step with the Spirit”, mailto: derek.burnside@capernwray.org.uk

em Atos 2:42 e do Avivamento da África Oriental, é o princípio de que pessoas santas de Deus devem viver em solidariedade umas com as outras. Elas devem manter entre si relacionamentos redentores, sob a tutela do Deus da peregrinação, que as está conduzindo, por meio do Espírito Santo, a uma restauração gloriosa, em que, mais uma vez, seres humanos viverão “nus, sem se envergonharem”. Forçosamente, temos de perguntar: O “retrato” de um povo santo apresentado em Atos 2:42 e ratificado em várias outras referências do Novo Testamento é uma aberração, ou ele é o modelo real de um povo santo que, em nossa era, perdeu o conteúdo e o significado? Eu diria que, no contexto do “projeto eterno” de Deus, o que vemos em Atos 2:42 é, sem dúvida, parafraseando John Wesley, o “retrato vívido” (retrato vivo) de Jesus e, de fato, a maneira como viveremos quando formos eternamente reunidos com Ele. O importante, então, é descobrir como nós, Nazarenos, podemos viver e exemplificar essa comunidade santa, não em episódios dramáticos, mas dando testemunho perpétuo de um Deus santo, contrariando os poderes e principados deste mundo, e em radical obediência às palavras do Espírito, conforme preconizado em 1Pedro 2:9-10.